



## O LIVRO DO CULTO A YAHWEH



**LEVÍTICO: 27 CAPÍTULOS / 859 VERSÍCULOS**

## SACRIFICIOS E OFERTAS

### Visão geral

O livro de Levítico é muitas vezes considerado o livro pelo qual Deus instrui Israel a viver uma vida santa. Anteriormente, Deus falara do topo da montanha. Agora, com o Tabernáculo erguido, a presença de Deus estava no meio do povo. Eles mantinham comunhão singular com Deus, e era o "caminhar com" Israel que distinguia a nação dos outros povos (Êx 33.16).

Mas, como viver tão próximo do Deus Santo? Somente pela purificação contínua e pelo compromisso com um estilo de vida santo. J. Sidlow Baxter (*Examinai as Escrituras*, vol. 1, Vida Nova) observa essa dupla necessidade e divide Levítico em duas partes:

ESBOÇO	
I. Sacrifício: base para a comunhão	
A. Ofertas — absolvição	1—7
B. Sacerdócio — mediação	8—10
C. Povo — purificação	11—16
D. Altar — reconciliação	17
II. Separação: forma de comunhão	
A. Leis para o povo	18—20
B. Leis para os sacerdotes	21—22
C. Leis concernentes às festas	23—24
D. Leis concernentes a Canaã	25—27

Seguiremos esse esboço para analisar o livro, que nos ensina a respeito de nosso relacionamento com o Senhor. Em Levítico, descobrimos também verdades básicas concernentes ao sacrifício, à expiação e ao sacerdócio.

- \* **Comunhão.** *Selem* é a palavra do AT para comunhão, usada muitas vezes para a oferta de paz ('sacrifícios de comunhão', na NVI). Essa oferta voluntária simboliza a paz e a harmonia em nosso relacionamento com Deus.
- \* É imprescindível que você tenha conhecimento básico dos diferentes sacrifícios e ofertas descritos no livro de Levítico. Aprofunde seus conhecimentos pesquisando dicionários bíblicos e comentários de Levítico.

### Comentário

Levítico é um livro de regulamentos detalhados, e pode parecer enfadonho para muitos. Mas nas instruções desse livro estão embutidas muitos princípios que têm relevância para nós hoje.

#### Sacrifício: Levítico 1-7

Em *Bible knowledge commentary [Comentário de conhecimento bíblico]* (Victor), encontramos algumas observações a respeito desse tópico. Em primeiro lugar, sob a Lei, o sacrifício era o único meio satisfatório pelo qual os israelitas podiam permanecer em comunhão com o Senhor. Em segundo lugar, com uma possível exceção, os sacrifícios eram limitados, abrangendo somente certos tipos de pecados pessoais, basicamente pecados por ignorância, acidente, falta de cuidado e omissão, além de pecados de natureza ritual ou social. Não havia sacrifício previsto para a violação intencional dos mandamentos de Deus. Os pecados incluídos nessa categoria

podiam ser perdoados - como testificam a experiência de Davi e os salmos (v. Sl 32; 51) - com base na resposta graciosa à fé e ao arrependimento. Mas o sistema sacrificial *não* era em si *mesmo forma de salvação*. Mesmo assim, o sacrifício no AT está sempre associado com o perdão e a comunhão com Deus.

Visão *histórica*. Em outras culturas, o sacrifício era visto geralmente como alimento para os deuses, e os sacerdotes muitas vezes usavam as entranhas dos animais sacrificados para adivinhação. Em Israel, o sacrifício não era alimento divino (v. Êx 29.38-41; Sl 50.8-15) e o elemento principal era o sangue do animal sacrificado. Na verdade, o sangue era vital, pois Deus disse: "A vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida" (Lv 17.11). o adorador era ensinado que o pecado exigia a entrega da vida do pecador, mas Deus aceitava um substituto.

A prática do sacrifício antecede a lei mosaica. Muitos consideram o ato de Deus matar um animal para vestir Adão e Eva com peles o primeiro sacrifício. A história de Caim e Abel sugere que a primeira família recebera instrução para aproximar-se de Deus dessa forma. Caim trouxe "do fruto da terra uma oferta ao Senhor" (Gn 4.3), enquanto Abel "trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho (v. 4). Deus repreendeu Caim: "Se você fizer o bem..." (v. 7), dando a entender que a oferta deste violava de forma intencional a vontade conhecida do Senhor.

Os sacrifícios de animais continuaram a ser a norma. Foram oferecidos por Noé (Gn 8.20,21). Jó, que talvez tenha sido contemporâneo de Abraão, oferecia sacrifícios pelos pecados (Jó 1.5; 42.7-9). Gênesis mostra que os patriarcas construíam altares quando adoravam o nome do Senhor (Gn 12.8; 13.4; 26.25). a cordeiro da Páscoa foi um sacrifício em família, uma imagem rica e de grande impacto.

Finalmente, diante do Sinai, Deus instituiu em Israel, no bojo da Lei, um sistema detalhado de ofertas e sacrifícios.

Como já observamos, esses sacrifícios eram oferecidos por pecados pessoais, mas sua abrangência era limitada. Eram válidos apenas para pecados *não intencionais* (v. Lv 4.13,22,27; 5.14 etc.). Em casos assim, seguia-se o ritual comum. Quem cometesse pecado sem intenção era culpado. o infrator trazia um animal para o sacerdote, que o oferecia em sacrifício. "Assim o sacerdote fará propiciação pelo pecado do líder, e este será perdoado" (Lv 4.26).

O perdão, todavia, não era alcançado pelo ritual em si. Ou seja, o ritual não era suficiente. Os profetas, mais tarde, tornaram mais clara as implicações do perdão oferecido pelos pecados *não intencionais*. O indivíduo que decidia desonrar a Deus, ao recusar-se a viver a vida justa e de misericórdia que o Senhor exigia, não tinha acesso real ao sacrifício – e gerações inteiras de israelitas não entenderam *esse* conceito. Por isso Isaías grita contra os pecadores de sua época, que gostavam tanto do pecado quanto da adoração a Deus:

Parem de trazer ofertas inúteis! O incenso de vocês é repugnante para mim. Luas novas, sábados e reuniões! Não consigo suportar suas assembléias cheias de iniquidade. Suas festas da lua nova e suas festas fixas, eu as odeio. Tornaram-se um fardo para mim; não as suportarei mais! Quando vocês estenderem as mãos em oração, esconderei de vocês os meus olhos; *mesmo* que multipliquem as suas orações, não as escutarei! As suas mãos estão cheias de sangue! Lavem-se! Limpem-se! Removam suas más obras para longe da minha vista! Parem de fazer o mal, aprendam a Fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a pressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva (Is 1.13-17; v. tb. Jr.7.20-23; Am 5.21-27; Mq 6.6-8)

A idéia do sacrifício não era a de a pessoa pecar de forma imprudente e obter de Deus um remédio fácil. O sacrifício visava as pessoas cujo coração já estava voltado para o Senhor.

## O Dia da Expição: levítico 16

O AT declara que o sangue do sacrifício é oferecido para fazer expiação. O que significa expiação? As palavras hebraicas traduzidas em português por "expição" são *kippur* (substantivo) e *kapar* (verbo). O radical aparece cerca de 150 vezes no AT e está intimamente associado com o pecado e a reconciliação com Deus.

Muitos estudiosos defendem que a idéia básica é "cobrir" ou "esconder". Se for isso, a expiação sugere a idéia de algo que cobre o pecado da pessoa e o esconde, permitindo que se aproxime de Deus. Era, com certeza, o papel que a expiação desempenhava no sistema do AT. Quem pecasse sem intenção tinha de tomar público o pecado e, como ato de confissão, trazer sua oferta - um animal - ao sacerdote. Feito o sacrifício, o sangue era derramado, e dessa maneira o sacerdote fazia "propiciação pelo pecado" da pessoa (Lv 4.26).

E quanto aos pecados intencionais? Ainda que não houvesse oferta prescrita para pecados desse tipo, havia provisão para eles no Dia da Expição.

Levítico 16 contém instruções detalhadas para o sacrifício especial oferecido uma vez por ano, no décimo dia do sétimo mês. Nesse dia, toda a comunidade de Israel reunia-se diante do Tabernáculo (e depois no Templo) para jejuar e orar. O sumo sacerdote seguia cuidadosamente os passos prescritos e entrava no Santo dos Santos levando o sangue do animal sacrificado, onde aspergia o sangue na tampa da arca, chamada propiciatório. O animal era a oferta pelo pecado do povo (Lv 16.15). Diz o texto que era necessário "por causa das impurezas e das rebeliões dos israelitas, quaisquer que tenham sido os seus pecados" (v. 16; cf. v. 21). Esse era o sacrifício da "propiciação", oferecido "uma vez por ano, por todos os pecados dos israelitas" (v. 34). Após o sacrifício, Israel recebia a confirmação de que estavam "puros de todos os seus pecados" (v. 30).

Portanto, havia no sistema sacrificial provisão tanto para os pecados intencionais quanto para os não intencionais. Era a única maneira pela qual o Deus santo poderia continuar habitando no meio do povo pecador.

A mensagem do sacrifício. Percebemos no AT a representação de realidades e verdades cujo significado seria manifesto mais tarde. Não é difícil entender por quê.

Quando a criança está prestes a ser operada das amídalas, os pais recebem instrução de brincar de hospital em casa antes da cirurgia. Por dias ou semanas, os pais ensaiam a ida ao hospital: arrumam as malas da criança, fazem de conta que estão dando entrada no hospital, olham fotos de camas de hospital, tiram a temperatura um do outro. A criança é preparada de todas as formas, de modo que, quando der entrada no hospital, tudo lhe pareça familiar. Não terá tanto medo, pois a realidade será bem parecida com o que ensaiou.

Por que deveria nos surpreender o fato de Deus tomar o mesmo tipo de cuidado? Não teria ele planejado repetir tantas vezes a representação da realidade para que, quando Jesus finalmente viesse entregar sua vida por nós, já soubéssemos exatamente o que estava fazendo? Deveríamos estranhar os séculos de sacrifício animal com ênfase no derramamento de sangue como necessário para o perdão? Não. No sacrifício repetido do AT, somos levados a entender que, para Deus, a morte foi sempre o preço pago pela vida do ser humano pecador.

a que deveria nos surpreender é que Deus entregou seu Filho por nós. a que deveria nos espantar é que o sangue derramado no altar definitivo da história era o do próprio Jesus. Mas não deve ser novidade para nós que somente o sacrifício de outra vida pode isentar da pena de morte que o pecado e a culpa nos acarretam. Na história, o sacrifício sempre foi o fator central na ação da graça de Deus a favor do ser humano. Esse quadro sempre se repete. Vez após vez vemos o sangue. Sempre e de novo, até que, maravilhados, olhamos para o Calvário e de repente os quadros do passado combinam-se em um só. E nos curvamos estupefatos diante dessa realidade.

Ele morreu.

Ele morreu por mim.

*Isaías 53.* Ainda no período do AT, Deus levantou o véu para que pudéssemos espiar além

das sombras da realidade. Isaías 53 é aceito pelos judeus como referência ao Messias vindouro - o Libertador enviado por Deus ao seu povo. Nesse trecho, temos um claro panorama de Jesus e seu sacrifício.

"Como um cordeiro foi levado para o matadouro" (v. 7).

"... o Senhor tenha feito da vida dele uma oferta pela culpa" (v. 10).

"Derramou sua vida até a morte" (v. 12).

"Levou o pecado de muitos" (v. 12).

É impossível ler essas palavras hoje sem pensar que se referem à vida de Jesus - e à sua morte.

*Hebreus 10.* Esse capítulo do NT olha contempla os sacrifícios do AT sob a perspectiva da cruz. Os sacrifícios daqueles dias eram somente "uma sombra dos benefícios que não de vir, e não a sua realidade" (v. 1). O sangue de touros e de bodes não podiam tirar o pecado (v. 4). Os sacrifícios apenas cobriam e escondiam os pecados, permitindo que Deus ignorasse os pecados do povo até que Jesus viesse *tirar realmente* o pecado por meio do sacrifício de si mesmo (Rm 3.25,26). Cristo realizou o que os sacrifícios antigos prefiguravam! "Por meio de um único sacrifício, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados" (Hb 10.14).

Em Jesus, nossos pecados e atos ilegais foram perdoados, e fomos purificados. Por isso "não há mais necessidade de sacrifício por eles" (v. 18).

Hoje, a exemplo do que Israel fez com a Páscoa, olhamos para o Calvário como o marco do início de nossa vida como povo liberto. Também o celebramos, como os judeus, porém com ritual próprio. Para nós, os elementos memoriais são o pão e o vinho. E que mensagem há nisso! Os sacrifícios de animais do AT tinham de ser repetidos sempre e sempre.

Sua repetição era um constante lembrete a Israel de que o pecado, ainda que resolvido temporariamente, teria de ser tratado de modo definitivo. Os sacrifícios repetidos serviam para mostrar que a vida dos animais era insuficiente para satisfazer a justiça de Deus. Que mensagem diferente está contida no pão e no vinho da ceia! Já não se requer sangue. Jesus ofereceu "para sempre, um único sacrifício pelos pecados" (v. 12).

É o que basta.

A obra da redenção está completa.

Por meio do sangue de Cristo, fomos definitivamente libertos.

## **O povo: Levítico 11-15**

Esperava-se dos sacerdotes e do povo de Israel que fizessem distinção entre puro e impuro (v. Lv 11.47). Os regulamentos cerimoniais e alimentares são discutidos nesse contexto.

Alguns estudiosos desperdiçam tempo inventando razões "lógicas" para algumas das ordens encontradas aqui. Até hoje, há restrições contra a carne de porco, pois é considerada carne "ruim". Recentemente conversei com alguém que argumentou que o sistema digestivo dos porcos é incompleto e que, por isso, os resíduos são depositados no corpo, e não eliminados, como acontece nos outros animais. Por isso, a carne de porco é naturalmente imunda - por isso Deus tinha toda a razão em proibir os hebreus de comer carne de porco.

É um pouco mais difícil encontrar explicação para regras alimentares como "Não cozinhe o cabrito no leite da própria mãe".

Na verdade, tais explicações erram totalmente o alvo. Para ensinar a Pedro que o sistema do AT havia passado e que o judeu e o gentio não deviam mais ser vistos como raças distintas, Deus fez um grande lençol descer do céu cheio de animais "impuros". E Pedro recebeu a ordem de matar e comer! Pedro, judeu piedoso, recusou-se. Então a palavra do Senhor veio a ele: "Não chame impuro ao que Deus purificou" (At 10.9-15).

Mais tarde, Paulo escreveu aos Romanos: "Como alguém que está no Senhor Jesus, tenho

plena convicção de que nenhum alimento é por si mesmo impuro, a não ser para quem assim o considere; para ele é impuro. Se o seu irmão se entristece devido ao que você come, você já não está agindo por amor. Por causa da sua comida, não destrua seu irmão, por quem Cristo morreu" (Rm 14.14,15).

A questão é simplesmente esta: há coisas que são imorais e impuras em si mesmas para todos os seres humanos em todos os tempos. O adultério, por exemplo, jamais será correto. Essas coisas foram enraizadas na própria natureza do ser humano quando Deus o criou e refletem o caráter e a justiça divinos. No entanto, muitas coisas que vemos em Levítico não são intrinsecamente certas ou erradas. Foram classificadas como impuras simplesmente porque Deus disse a Israel que as considerasse assim.

Por que Deus criou todo esse conjunto de coisas impuras? Ao responder a essa pergunta, não temos de dar uma desculpa lógica para cada item, como fazem alguns com relação às leis alimentares. Em vez disso, precisamos reconhecer que Deus estava treinando e disciplinando seu povo. Procurava fazê-los entender a identidade singular de povo escolhido e, para lembrá-los constantemente do privilégio - e da responsabilidade - que implica a comunhão com ele.

Havia o perigo enorme de o povo esquecer-se de Deus. O episódio no Sinai já demonstrara que isso podia acontecer rápida e facilmente! Agora, no entanto, o padrão para a vida diária de Israel estava estruturado de tal forma que seria quase impossível esquecer Deus era um lembrete. A presença dos sacerdotes, espalhados entre todas as tribos nas suas cidades e sustentados pelos dízimos anuais, eram lembretes. O sábado era um lembrete semanal, e, como veremos na próxima unidade, o sistema de festas anuais também ajudava o povo a manter a atenção voltada para Deus.

Tudo que Deus ordenou a Israel com relação a costumes foi planejado para lembrar o povo de que tinham um relacionamento especial com Deus e haviam sido chamados para caminhar em comunhão com ele.

Muitos desses costumes e tradições são irrelevantes para nós hoje. Outros têm um significado tipológico profundo e falam de Cristo. Outros ainda refletem o próprio caráter de Deus e estão enraizados na sua justiça. Todos, porém, nos lembram de forma singular quanto é especial viver em comunhão com Deus.

## ANDANDO EM COMUNHÃO

### Visão geral

Deus esperava que o povo de Israel fosse inteiramente separado para ele. Em todos os aspectos da vida coletiva, esse povo, que levava o nome de Deus, deveria ser santo.

Muitos itens da Lei, especialmente as prescrições alimentares e alguns elementos, não tinham base moral. Essas regras serviam para estabelecer a distinção entre Israel e os outros povos. Lembravam Israel de que eram o povo de Deus e que, em virtude desse relacionamento, deviam ser diferentes dos outros.

Na segunda parte de Levítico, encontramos regulamentos que de fato têm raízes morais profundas, designados para criar uma sociedade justa e moral.

É fundamental observar a inclusão de regulamentos concernentes às festas e festivais em que a pessoa devia adorar a Deus. É impossível criar uma sociedade verdadeiramente justa sem fé profunda e sem compromisso com o Senhor.

### SEPARAÇÃO: FORMA DE COMUNHÃO

A. Leis para o povo	18—20
B. Leis para os sacerdotes	21—22
C. Leis concernentes às festas	23—24
D. Leis concernentes a Canaã	25—27

**Separação.** A palavra-chave no hebraico aqui é *badalo* Significa "tirar de alguma coisa" e, assim, fazer distinção entre esses dois elementos. Em Gênesis 1, Deus separou a luz da escuridão, a terra do mar. Agora Deus estava separando Israel de todas as outras nações da terra para que fossem o seu povo da aliança. A separação para o Senhor ligava os hebreus, em todos os aspectos de sua vida, a Deus.

### **Comentário**

Notamos, na última unidade, que muitas leis não apresentavam um propósito "lógico". Não conseguimos explicar as leis concementes à alimentação ao argumentar, por exemplo, que determinada carne foi proibida porque era "suja". Essas e outras leis do AT que condicionavam o estilo de vida de Israel foram criadas para ressaltar o fato de que essa nação fora separada de todos os outros povos. Israel mantinha uma aliança com o Deus todo-poderoso, e a vida deveria ser vivida de forma diferente da vivida nas outras nações.

### **O Santo**

Para entender a importância de alguns regulamentos que iremos estudar no livro de Levítico, precisamos compreender o conceito de santidade do AT. A explicação a seguir é citada do livro *Expository didionary of Bible words* [Dicionário *expositivo* de *termos bíblicos*] deste autor, Zondervan.

A raiz das palavras traduzidas por "santo" e "santidade" é *qadas*. O verbo significa "ser consagrado", "ser dedicado", "ser santo". Tudo que é santo é separado, removido do domínio do comum e transposto para a esfera do sagrado.

O foco da esfera do sagrado é o próprio Deus, o Santo de Israel (2Rs 19.22; Jó 6.10; 51.16.10; 22.3; 71.22 etc.). "Santo" torna-se um termo técnico religioso usado com relação a pessoas, lugares, épocas e coisas consideradas sagradas por terem sido associadas e consagradas a Deus. O sétimo dia era santo e devia ser reservado para adoração e descanso (Gn 2.3; Êx 20.8-11; Dt 5.12). O monte Sinai era santo porque Deus apareceu ali em chamas para entregar os Dez Mandamentos (Êx 19.23). Os sacerdotes de Israel eram santos (Lv 21. 7), e tudo que estivesse associado com a adoração e com os sacrifícios devia ser considerado santo. De modo muito significativo, o próprio povo de Israel era considerado santo, pois fora escolhido por Deus para ser sua propriedade especial (Dt 7.6; 14.2,21).

É importante notar que o AT atribui grande valor à distinção entre o sagrado e o secular. O que era santo jamais deveria ser usado de forma comum ou profana. Tudo que fosse consagrado a Deus tinha de ser usado no serviço dele somente - para sempre.

*Santidade cerimonial.* A religião de Israel era tanto voltada para o culto quanto para a vida moral. O elemento referente ao culto estabelecia o ritual religioso e muitos aspectos do estilo de vida do povo de Deus. A pessoa encontrava-se em estado de santidade quando observava restrições culturais e cerimoniais. Quando instituiu os sacerdotes, Deus disse-lhes que seria para fazer "separação entre o santo e o profano entre o puro e o impuro" e para ensinar "aos israelitas todos os decretos que o Senhor lhes deu por meio de Moisés" (Lv 10.10,11). Tanto as práticas essenciais quanto as que não se referiam à moral, como não cozinhar o cabrito no leite da própria mãe (Êx 34.26), bem como as cerimônias religiosas, estavam relacionados com impureza ritual

*Santidade moral.* No AT, dois aspectos da natureza de Deus estão associados com a santidade. O primeiro é seu imenso poder e esplendor. Quando dois dos filhos de Arão violaram as regras que regulamentavam a adoração, Deus, de acordo com o registro de Moisés, declarou: "Aos que de mim se aproximam santo me mostrarei; à vista de todo o povo glorificado serei" (Lv 10.3). Na ocasião, o fogo caiu da parte do Senhor e consumiu os homens que o haviam desprezado ao ignorar suas ordens. A santidade de Deus foi demonstrada por essa expressão de seu admirável poder.

Levítico 19.2 mostra a dimensão moral da santidade de Deus, que falou a Moisés: "Diga o seguinte a toda comunidade de Israel: Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, Sou santo".

As ordens que se seguem a essa declaração não são referentes ao culto, e sim de caráter moral, Tratam de furto, idolatria, mentira, engano, difamação, vingança etc. e incluem a ordem de amar o próximo como a si mesmo. São ordens marcadas repetidas vezes pela declaração: "Eu sou o Senhor.

Nesse texto do AT e em muitos outros, a santidade de Deus está diretamente ligada ao seu caráter moral. A santidade é apresentada sua perfeição moral, no seu compromisso inviolável com o bem e no julgamento dos trocam o caminho do bem pelo pecado. Mas o Senhor dos Exércitos será exaltado em sua justiça; o Deus santo se mostrará santo em sua retidão (Is 5.16). Quando Israel foi separado ":" por escolha soberana de Deus, tanto o aspecto cerimonial quanto o moral da obediência a Deus eram essenciais à vida de santidade.

Visto que ele é um Deus Santo, quem estiver associado com ele deverá ser santo em tudo que faz.

### **Leis referentes à santidade entre povo: Levítico 18-20**

*Leis referentes ao sexo (Lv 18).* O sexo é invenção de Deus. Foi ele quem criou o homem e a mulher e disse ao primeiro casal que fosse fecundo e se multiplicasse. Na época NT alguns falsos mestres, entre outras coisas, proibiam o casamento. Paulo chama a isso "doutrinas de demônios" e "espíritos enganadores", pois "proíbem o casamento e o consumo de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ação de graças pelos *que* crêm e conhecem a verdade" (ITm 4.1-5).

O sexo tem uma função específica e maravilhosa na experiência humana. É emocionante e dá prazer, mas foi projetado também como experiência que gera união: a expressão da união e da singularidade experimentada pelo homem e pela mulher que se comprometem um com o outro para toda a vida.

Fora do contexto de união para a vida toda da entrega pessoal e íntima, a atividade sexual será sempre destrutiva.

Levítico 18 discorre sobre o tema e vai além. O texto identifica algumas relações sexuais como "abominações" que contaminam não somente o indivíduo, mas também a sociedade inteira ("a terra", v. 27). Entre elas, estão as relações sexuais com parentes de sangue e parentes por afinidade (cunhado, cunhada, sogro, sogra etc), relações sexuais com animais e relações homossexuais (v. 7-23).

Essa última prática, que o AT chama "abominação", é uma questão relevante para hoje, pois os homossexuais, homens e mulheres, estão exigindo não somente direitos civis como também que a sociedade reconheça e aceite seu "estilo de vida alternativo". Existem até pastores homossexuais assumidos, que exigem ser reconhecidos pelas respectivas denominações como ministros ,de Deus aptos para cuidar de qualquer congregação.

A proibição do homossexualismo não aparece apenas nessa passagem. Levítico 20 desenvolve o tema com mais detalhes e decreta a pena de morte para o homem que "se deitar com outro homem como quem se deita com uma mulher", pois "ambos praticaram um ato repugnante. Terão que ser executados, pois merecem a morte" (v. 13).

No NT, o livro de Romanos considera os atos homossexuais "a degradação do seu corpo entre si" e os chama "paixões vergonhosas" que conduzem a "atos indecentes" (Rm 1.24-27). Não importa o que se diga hoje a respeito do homossexualismo, a Bíblia chama a essa prática "pecado".

Como cristãos vivendo em uma sociedade secular, diferentemente de Israel, que vivia em uma sociedade governada por Deus, podemos tomar uma posição moral a favor do que é correto. Mas provavelmente não seremos capazes de tornar o homossexualismo um crime. Para os que estão fora da comunidade cristã e o praticam, sua verdadeira necessidade é Cristo. Quando lidamos com essas pessoas, não devemos enfatizar tanto o pecado quanto a mensagem de perdão por todos os pecados que alcançamos por meio de nossa fé pessoal no Salvador.

Já os que se dizem cristãos e ainda assim exigem o direito de ser homossexuais precisam ser desafiados com a visão do Deus santo, o qual insiste em que todos os que mantêm relacionamento com ele se afastem de suas iniquidades para viver uma vida santa e piedosa.

O PÁTIO E O TABERNÁCULO	
Abril (nisã)	14-21 — PÁSCOA: Para relembrar a libertação do povo judeu do Egito; o início do ano religioso.
Maio (liar) Junho (sivã)	6 — PENTECOSTE: Festa da colheita dos primeiros frutos
Julho (tamuz) Agosto (abe) Setembro (elul) Outubro (tisri)	1-2 — FESTA DAS TROMBETAS <i>ROSH HASHANAH</i> : Início do ano civil 10 — DIA DA EXPIAÇÃO 15-21 — FESTA DAS CABANAS: Para relembrar os ano em que moravam em tendas, a caminho da Palestina.
Novembro (maresvã) Dezembro (quisleu)	25 — <i>HANNUKAH</i> : Festa das Luzes, introduzida na época dos Macabeus.
Janeiro (tebete) Fevereiro (sebate) Março (adar)	14 — PURIM: Adicionada posteriormente, para relembrar o livramento no tempo da rainha Ester.



